

Os percursos sociais e escolares de estudantes de cursos técnicos da educação profissional e tecnológica

Itamar de Oliveira Corrêa Filho¹

 <https://orcid.org/0000-0002-2575-631X>

Jairo Antônio da Paixão²

 <https://orcid.org/0000-0003-1413-9081>

Resumo

O objetivo do presente artigo foi investigar elementos do percurso social e escolar dos estudantes dos cursos técnicos concomitantes ou subsequentes ao Ensino Médio do IF Sudeste MG, *Campus Muriaé* e identificar sua origem social, mediante uma análise sociológica. O debate teórico fundamentou-se, principalmente, nos estudos de Bourdieu e de autores do campo da Sociologia da Educação. A pesquisa caracterizou-se como qualitativa e se utilizou da entrevista semiestruturada para a coleta de dados. Identificou-se que, em sua maioria, os estudantes são originários de camadas populares. Destacou-se o alerta para que os Institutos Federais não se tornem espaços de eliminação branda de alunos do sistema educacional nem ambientes de reprodução das desigualdades sociais e escolares.

Palavras-chave: Educação Profissional e Tecnológica. Instituto Federal. Percurso social e escolar. Sociologia da Educação.

The social and school paths of students of technical courses in professional and technological education

Abstract

The objective of this article was to investigate elements of the social and academic trajectory of students on technical courses concomitant or subsequent to High School at IF Sudeste MG, *Campus Muriaé* and identify their social origin, through a sociological analysis. The theoretical debate was mainly based on studies by Bourdieu and authors in the field of Sociology of Education. The research was characterized as qualitative and used semi-structured interviews to collect data. It was identified that, for the most part, students come from popular classes. The warning was highlighted so that Federal Institutes do not become spaces for the soft elimination of students from the educational system or environments for the reproduction of social and school inequalities.

Keywords: Professional and Technological Education. Federal Institute. Social and school path. Sociology of Education.

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: itamardeoliveira90@hotmail.com.

² Universidade Federal de Viçosa, Viçosa: jairopaixao@ufv.br.

Introdução

A obra *A miséria do mundo*, escrita e coordenada pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu e por Patrick Champagne, tornou-se um importante estudo publicado na década de 90, o qual não deixou de ser atual e tem potencializado importantes discussões, principalmente, no campo escolar. O estudo traz à tona um sistema escolar cada vez mais perverso e ilusório para as camadas populares, visto que antes, até o fim dos anos de 1950, a escola eliminava precocemente os estudantes desses estratos sociais. À época, essas famílias constituíam um *habitus* que resultava de um conjunto sistemático e coerente de disposições incorporadas nos processos de socialização, fundamentados na lógica dos dons e dos méritos individuais (Bourdieu; Champagne, 2008).

A compreensão da noção de *habitus* tornou-se fundamental para o presente estudo, pois Bourdieu (1983) propõe uma ciência da prática e a noção de *habitus* busca “operacionalizá-la”. O autor afirma que é possível analisar o mundo social a partir de três formatos de conhecimento: o fenomenológico (subjetivista), o objetivista e o praxiológico. O *habitus* teria a capacidade de superar os dois primeiros e resolveria esse desafio central da teoria bourdieusiana, porque o subjetivismo seria vencido quando se compreende que as práticas não assumem um caráter independente e consciente, mas sim são produzidas mediante um conjunto de disposições incorporadas do campo objetivo, relacionadas à origem social do agente (Nogueira; Nogueira, 2017). Já o objetivismo seria superado, na medida em que as estruturas sociais não reproduzem de forma mecânica tais disposições, visto que a internalização das condições objetivas ocorre de maneira subjetiva e encaminha as práticas dos agentes para determinadas direções que orientam as decisões ao longo de sua trajetória. Contudo, a posição ocupada pelo sujeito e o *habitus* constituído dessa posição não significam que os agentes agem sempre de forma determinista de acordo com as disposições incorporadas (Nogueira; Nogueira, 2017).

Assim, Bourdieu (2007a) rompe com a ideologia em que o agente é o único responsável por seu destino social e, conseqüentemente, por seu destino escolar, baseado na utilização dos dons naturais e dos méritos individuais. Para o autor, a origem social determina “o nível cultural global do grupo familiar que mantém a relação mais estreita com o êxito escolar da criança” (Bourdieu, 2007b, p. 42). Por conseguinte, Nogueira e Nogueira (2017) corroboraram que as vantagens que as classes sociais poderiam obter na escola são proporcionais aos recursos

advindos de suas posições na estrutura social e que aqueles deserdados de capital (principalmente, o capital cultural³) teriam poucas chances de mobilidade social e de redução das desigualdades por meio do sistema escolar.

Diante disso, o campo da Sociologia da Educação dialoga diretamente com a historicidade dual e desigual da Educação Profissional e Tecnológica no Brasil (Cunha, 2005; Kuenzer, 1997; Moura, 2007). Além disso, mostra-se capaz de interpretar os diferentes fenômenos sociais atinentes às modalidades de ensino ofertadas nessas instituições, a compreensão da trajetória dos estudantes, a escolha dos cursos técnicos, tecnológicos e superiores e do estabelecimento de ensino, os motivos de evasão escolar, a relação família-escola, entre outros. Não obstante, o presente artigo possibilitará a constituição de novos dados científicos a partir da interseção entre esses dois importantes campos de pesquisa, os quais contribuirão para a elaboração de políticas públicas para as instituições da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica (Rede Federal) e para a compreensão dos elementos que constituem o percurso social e escolar e a origem social de seus estudantes.

A Rede Federal foi constituída mediante a necessidade da expansão e da interiorização da Educação Profissional e Tecnológica no Brasil, ou seja, pela demanda de “democratizar” o conhecimento e aproximar essas instituições daqueles indivíduos que não poderiam se deslocar para outras cidades para estudar em universidades públicas que se localizavam em grandes centros. Logo, tornou-se um verdadeiro marco educacional, projetando “as bases de uma escola contemporânea do futuro e comprometida com uma sociedade radicalmente democrática e socialmente justa” (Pacheco, 2011, p. 12).

Assim, identificar a origem social dos estudantes dos Institutos Federais e seus anseios a partir desse tipo de formação, além da necessidade de um acompanhamento dos egressos, possibilitará analisar se esses estudantes estão obtendo êxito em suas carreiras profissionais e acadêmicas ou se apenas estão sendo eliminados e excluídos temporalmente mais tarde do sistema escolar, por meio de “práticas de exclusão brandas, ou melhor, imperceptíveis, no duplo sentido de contínuas, graduais, e sutis, insensíveis, tanto por parte de quem as exerce, como

³ O capital cultural, em Bourdieu, relaciona-se aos bens culturais, aos valores, aos costumes, às condutas, à língua culta e à toda fineza e superioridade das classes dominantes que produzem e impõem essa cultura como legítima. Além disso, no âmbito educacional, Nogueira e Catani (2007, p. 9) ressaltam a importância do capital cultural na manifestação das desigualdades escolares e no impacto da origem social na trajetória escolar dos estudantes.

daqueles que são suas vítimas” (Bourdieu; Champagne, 2008, p. 483). Assim, essa eliminação branda, ou seja, diluída no tempo, dissimula para os estudantes uma “verdade” sobre a realidade em que estão inseridos e, concomitantemente, sobre aquela de que são excluídos pela própria escola, a qual produz cada vez mais sujeitos fracassados e “obrigados a sustentar frente a si mesmos e aos outros com um blefe permanente, uma imagem de si duramente arranhada ou mutilada” (Bourdieu; Champagne, 2008, p. 484). Nessa perspectiva, o objetivo do presente artigo é investigar elementos do percurso social e escolar dos estudantes dos cursos técnicos concomitantes ou subsequentes ao Ensino Médio do IF Sudeste MG, *Campus Muriaé*, e identificar sua origem social, mediante uma análise sociológica.

Caminhos da pesquisa

Os dados do artigo são parte dos resultados da coleta de dados de uma dissertação de mestrado, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Viçosa, no período de 2020 a 2022. A investigação teve como foco a escolha dos cursos técnicos concomitantes ou subsequentes ao Ensino Médio do IF Sudeste MG, *Campus Muriaé*, e as perspectivas de futuro dos estudantes. Por isso, justificou-se a definição do IF Sudeste MG, *Campus Muriaé*, como lócus da pesquisa e os estudantes da modalidade técnica concomitante ou subsequente ao Ensino Médio como foco desta investigação.

A presente pesquisa é de natureza qualitativa (Minayo, 2011). Como instrumento de coleta de dados, foi utilizada a entrevista semiestruturada (Lüdke; André, 2018).

O grupo amostral foi constituído de seis estudantes que ingressaram no IF Sudeste MG, *Campus Muriaé*, por meio do Processo Seletivo 2020/1 nos cursos técnicos de Eletromecânica, Meio Ambiente e Secretariado. Esses alunos foram divididos em dois grupos de acordo com a modalidade de ingresso: Arthur, Miguel e Helena (grupo 1, concomitante); e Alice, Gael e Laura (grupo 2, subsequente). Vale ressaltar que foram adotados nomes fictícios para preservar a identidade dos participantes. Como critérios de seleção, foram considerados aspectos relacionados à diversidade e à pluralidade social dos estudantes: como idade, gênero, acesso pela Lei de Cotas e local de residência.

O critério *Idade* tornou-se relevante porque mais de 80% da população da pesquisa, em todos os 3 cursos, tinha idade entre 15 e 24 anos. O critério *Gênero* decorre de os cursos técnicos

direcionarem para possíveis cenários de formação segmentados e sexistas (Costa, 2019; Louro, 2008). O critério *Cota* remete ao número total de alunos ingressantes no Processo Seletivo 2020/1 dos cursos técnicos concomitantes ou subsequentes ao Ensino Médio no IF Sudeste MG, *Campus* Muriaé, ocupantes de vagas reservadas aos grupos de concorrência para cotistas PPI (Preto, Pardo ou Indígena) ou para ingressantes com Renda Familiar bruta mensal igual ou inferior a 1,5 salário-mínimo por pessoa, totalizarem 33,33% dos alunos. Por último, o critério *Local de residência* buscou evidenciar os debates no campo da Sociologia da Educação referente à escolha do estabelecimento de ensino e do local de moradia do aluno e da família. Também se considerou o âmbito institucional, em que 41,38% dos estudantes ingressantes na turma de 2020/1 são moradores de outros municípios no entorno da cidade de Muriaé, Minas Gerais (MG).

Os estudantes que atendiam a condição estabelecida por cada critério foram organizados por listas numeradas, de acordo com os algarismos representantes. A partir disso, realizou-se um sorteio virtual por meio da plataforma *Sortear.Net* para a definição da ordem de convite para as entrevistas semiestruturadas. Nos casos de recusa ou de nomes já sorteados, os próximos discentes da listagem foram chamados sucessivamente até que se esgotassem todos os participantes por critério. Foi realizada uma entrevista com cada participante.

Justificou-se o menor tamanho do grupo amostral, considerando as condições de saúde pública impostas pela pandemia da Covid-19. Elas dificultaram a realização de entrevistas presenciais e a possibilidade de um maior número de participantes, visto que a coleta de dados ocorreu durante o período de distanciamento social.

A técnica de Análise de Conteúdo foi a mais apropriada e pertinente para organizar e interpretar os dados obtidos. Bardin (2016, p. 15) define-a como “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a ‘discursos’ (conteúdos e continentes) extremamente diversificados”, assim como os resultados advindos das entrevistas semiestruturadas deste estudo. Para que os dados coletados ganhem sentidos e para que o pesquisador realize inferências sobre o objeto de pesquisa, é preciso organizá-los em três etapas: a pré-análise; a exploração do material; e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação (Bardin, 2016).

Cabe ressaltar que, na fase de exploração do material, procedeu-se com a etapa de categorização dos dados resultantes das entrevistas semiestruturadas, a fim “de fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos” (Bardin, 2016, p. 148-149).

Como havia um roteiro de entrevista definido, adotou-se o procedimento por “caixas” da Análise de Conteúdo, considerando que foi possível definir previamente as categorias principais e os elementos que atenderiam aos objetivos de cada categoria (Bardin, 2016, p. 149). Assim, chegou-se às seguintes categorias de análise: ocupação do estudante; ocupação do pai; ocupação da mãe; escolaridade do pai; escolaridade da mãe; local de residência; e rede escolar em que cursou o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Tal categorização norteou o trabalho de análise dos dados obtidos.

O presente artigo não esgota todas as reflexões e análises acerca do percurso social e escolar dos estudantes dos cursos técnicos concomitantes ou subsequente ao Ensino Médio. Porém, contribui para uma análise crítica sobre o papel dos Institutos Federais relacionados a sua atuação diante dos avanços neoliberais na educação e sobre as dificuldades em superar os paradigmas da dualidade estrutural de ensino existente em nossa sociedade capitalista.

Na execução deste estudo, foram consideradas as diretrizes regulamentadas pela Resolução n.º 466/12, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Viçosa, em 23 de abril de 2021, conforme ofício CEP n.º 4.666.294.

O percurso social e escolar dos estudantes dos cursos técnicos concomitantes ou subsequentes ao Ensino Médio

Nesta seção, buscou-se apresentar os elementos dos percursos social e escolar dos seis participantes das entrevistas semiestruturadas e identificar a sua origem social, debatendo os resultados, principalmente, com autores no âmbito da Sociologia da Educação. Nessa direção, com vistas a interpretar as trajetórias e as tomadas de decisões, fez-se essencial compreender o *habitus* constituído por esses estudantes. Para aclarar mais essa compreensão, é imperativo entender a definição de Bourdieu (2007c, p. 85-86), que explicita que:

[...] as disposições constitutivas do *habitus* que estão duravelmente inculcadas pelas condições objetivas e por uma ação pedagógica tendencialmente ajustada a essas condições tendem a engendrar expectativas e práticas que são objetivamente compatíveis com essas condições e previamente adaptadas às suas exigências objetivas; em outras palavras, sendo o produto de uma classe determinada de regularidades objetivas (aquelas que, por exemplo, caracterizam uma condição de classe e que a ciência apreende através das regularidades

construídas, tais como as probabilidades objetivas), essas disposições gerais e transponíveis tendem, então, a engendrar todas as práticas “razoáveis” que são possíveis dentro dos limites dessas regularidades, e somente aquelas, excluindo as “loucuras”, isto é, as condutas votadas a serem negativamente sancionadas por serem incompatíveis com as exigências objetivas.

A operacionalização do conceito de *habitus* permite compreender como o passado incorporado pelos sujeitos associa-se ao contexto presente, que, ao requerer uma ação prática, evoca elementos da origem social que estruturam suas decisões atuais, considerando as condições objetivas em que estão inseridos. Dessa forma, evidencia-se a relevância científica do presente estudo em conhecer a origem social dos estudantes de cursos técnicos para o campo da Educação Profissional e Tecnológica.

É importante ressaltar que este trabalho não tem como objetivo classificar a origem social dos estudantes mediante os estratos de renda familiar, conforme definido e comumente utilizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Souza (2009) afirma que, para o senso comum, existe uma dificuldade em desassociar a relação entre a renda e a constituição das classes sociais. Entretanto, essa lógica não se alinha à base teórica do artigo, fundamentado no campo das Ciências Sociais, a qual não é possível interpretar e definir a origem social dos estudantes por meio de dados exclusivamente econômicos.

Inicialmente, foram apresentados os alunos do grupo 1, concomitante: Arthur, Miguel e Helena. De acordo com Lelis (2005), os estudantes que seguem a concomitância apresentaram percursos escolares *fluentes e contínuos*, considerando que não foram reprovados nem cancelaram ou interromperam os estudos ao passarem pela Educação Infantil, pelo Ensino Fundamental e pelo Ensino Médio. Destacou-se que também não houve interstícios entre a transição da Educação Básica para o Ensino Profissional e Tecnológico, na modalidade técnico concomitante ou subsequente ao Ensino Médio no IF Sudeste MG, *Campus Muriaé*.

Arthur tinha 17 anos quando foi entrevistado, autodeclarou-se de cor parda, sendo natural do município de Muriaé/MG e, atualmente, morador da zona urbana da cidade, no bairro Patrimônio São José. Esse bairro não faz parte da área central nem das adjacências da cidade. Arthur mora com seus pais e a irmã, que tem 28 anos. A renda familiar *per capita* gira em torno de 0,5 a 1,0 salário-mínimo, e ele não ajudava financeiramente no grupo familiar porque ainda não havia conseguido se inserir no mundo do trabalho. Arthur estava matriculado no Curso

Técnico em Secretariado.

As ocupações do pai e da mãe de Arthur são vigia rondante de almoxarifado e do lar, respectivamente. Ambos não concluíram o Ensino Fundamental. O aluno relatou: *“A minha mãe, a minha vó não a deixava estudar, ela a tirou do terceiro ano do fundamental para trabalhar em casa de família. O meu pai foi a mesma coisa, minha vó o tirou para trabalhar”*. Sobre os avós maternos e paternos, Arthur informou que eram analfabetos e que nenhum deles seguiu os estudos, *“porque tinha que trabalhar pesado e buscar lenha, então não tinha tempo”*. O estudante não soube definir exatamente a profissão dos avós, além do que foi destacado anteriormente. Todavia, a irmã de Arthur possuía o Ensino Superior completo. Ela se formou em Administração em uma Universidade Federal do Rio de Janeiro. Arthur ressaltou, durante a entrevista, que, mesmo sem os estudos básicos finalizados, seus pais sempre o apoiaram e deram suporte à irmã para prosseguir o processo formativo para além da Educação Básica, refletindo um desejo do passado de ambos, que também já fora observado no campo da Sociologia da Educação, visto que Bourdieu (2007c) destaca que muitos pais transferem para os filhos as chances de alcançar suas ambições sociais e escolares.

Arthur, assim como a maioria da população da pesquisa, sempre estudou em escolas da rede pública. Da Educação Infantil ao Ensino Médio, entre escolas da rede municipal e estadual, todos os estabelecimentos que frequentou se localizavam no bairro da Barra, os quais eram mais próximos de onde residia e ainda reside. É possível atribuir as escolhas dessas instituições considerando as leis de setorização do município e do estado de Minas Gerais, em geral, por famílias de camadas populares, devido ao baixo capital econômico e ao pouco capital informacional acerca do funcionamento do sistema escolar que direciona as decisões dessas famílias para escolhas passivas e para a aceitação das escolas destinadas pelas leis de setorização (Ballion, 1982; Héran, 1996; Van Zanten, 2007).

Miguel, aluno do Curso Técnico em Meio Ambiente, também tinha 17 anos quando entrevistado, autodeclarou-se da cor branca, sendo natural do município de Muriaé/MG e, atualmente, morador da zona urbana de outra cidade, chamada Barão do Monte Alto/MG (38km de distância de Muriaé/MG). Miguel mora com sua mãe e o padrasto, não possui irmãos. A renda familiar *per capita* gira em torno de 1,5 a 2,5 salários-mínimos. Hoje, ele não está trabalhando, mas anteriormente já atuou em um estabelecimento como impressor digital, além de ajudar o pai em sua loja de roupas e utilidades na cidade. A mãe de Miguel é professora da Educação

Básica, porém está afastada de suas atividades para tratar uma doença. Já o padrasto de Miguel tem uma empresa que presta serviços de máquinas retroescavadeira em Barão do Monte Alto/MG e região.

O pai de Miguel concluiu o Ensino Médio e iniciou um curso técnico de Contabilidade, mas não o concluiu. Sua mãe é formada em Pedagogia e possui um curso de pós-graduação *lato sensu* na área, enquanto seu padrasto possui apenas o Ensino Médio. Em relação aos avós maternos, Miguel informou que sua avó sempre foi serviçal de uma escola e que possuía o Ensino Médio completo e o avô tinha como ocupação um pequeno comércio, em suas palavras “*tipo um mercadinho*”, esse avô não concluiu o Ensino Fundamental. Acerca da ocupação dos avós paternos, Miguel afirmou: “*minha avó paterna nunca trabalhou fora [do lar], nunca mesmo! E meu avô paterno, tipo ... sempre foi fazendeiro, essas ‘paradas’ assim de roça*”. Nenhum deles chegou a terminar o Ensino Fundamental, Miguel justificou que, como eles eram moradores da zona rural e tiveram dificuldades financeiras, faltaram mais oportunidades para prosseguirem com os estudos.

O percurso escolar de Miguel também foi marcado por ser realizado em escolas públicas, sendo o Ensino Médio na rede estadual de Barão do Monte Alto/MG e a maior parte do Ensino Fundamental e da Educação Infantil na rede municipal da cidade. Por ser uma cidade pequena, com pouco mais de 5.000 habitantes, não existem muitas escolas públicas e particulares para a escolha das famílias. No Ensino Médio, por exemplo, existem apenas duas instituições da rede estadual localizadas no bairro Centro, as quais ofertam o Ensino Médio e o Ensino Fundamental II. A partir desse contexto, Miguel destacou que, durante o Ensino Fundamental, sua mãe buscou uma nova escola para ele dentre as opções que havia em outro município, na cidade de Muriaé/MG.

Nesse caso, observou-se um esforço familiar e financeiro para o deslocamento diário do filho para outra cidade e uma dedicação relacionada à pesquisa e à busca por informações de novos estabelecimentos escolares, características que retrataram as estratégias de escolarização de famílias de camadas médias, que tendem a arcar com eventuais despesas, com alguns sacrifícios, para que, por meio da educação, os filhos tentem ascender socialmente (Bourdieu, 2007c). Além disso, o fato de Miguel ser filho único evidenciou outra importante ação dos grupos familiares dessa posição: o controle da taxa de fecundidade. Segundo Bourdieu (2007c, p. 107),

[...] limitando a própria família a um número reduzido de filhos, quando não ao filho único, no qual se concentram todas as esperanças e esforços, o pequeno-burguês não faz mais do que obedecer ao sistema de exigências que está implicado em sua ambição: na impossibilidade de aumentar a renda, precisa reduzir a despesa, isto é, o número de consumidores.

Tal atitude concentrou todos os esforços familiares no êxito escolar de Miguel. Não obstante, a ocupação da mãe de Miguel — professora da Educação Básica — contribuiu também para que as escolhas de novos estabelecimentos de ensino do filho, no caso, por exemplo, da busca por um novo no Ensino Fundamental, fossem realizadas com grandes chances de sucesso. Isso porque pais professores mobilizam entre si (docentes, diretores, técnicos em educação etc.) uma rede de relações para alinhamento das estratégias de escolarização dos filhos pertencentes a esse grupo, ou seja, mantêm “um capital social interno” (Van Zanten, 2010, p. 424). Essa perspectiva também foi observada na tese de Nogueira (2011), na qual se destacou que o exercício da docência favoreceu o percurso escolar dos filhos, inclusive nas famílias com baixos recursos materiais e simbólicos. Os resultados da pesquisa corroboram também a realidade social de Miguel, visto que Nogueira (2011, p. 227) afirma que,

[...] do ponto de vista do pertencimento social, encontram-se, num extremo, as “famílias cujo sucesso escolar depende mais intensamente dos trunfos decorrentes da profissão” (grupo 3), cujas mães professoras, oriundas de lares com baixo capital cultural e econômico e unidas por matrimônio a cônjuges com reduzidas credenciais escolares e poucos recursos econômicos, situam-se nos segmentos inferiores da classe média. Os depoimentos revelaram que essas mães são portadoras de um *ethos*, de modos de pensar, sentir e ver o mundo — possibilitados, não só pela aquisição do diploma, mas pela inserção profissional no mundo escolar — que minimizam a ação educativa dos maridos e o efeito que ela produz na vida pessoal e escolar dos filhos.

Os dados apresentados reforçaram as falas de Miguel ao relatar que o pai concluiu apenas o Ensino Médio e, quando questionado sobre a participação dele em sua rotina escolar (ajudar nas tarefas de casa, estipular horários para estudos e frequentar reuniões escolares), ele respondeu: “*Meu pai nunca fez nada disso [risos]*”.

A última estudante que compõe este grupo é Helena, aluna do Curso Técnico em Eletromecânica. Ela tinha 18 anos quando entrevistada, autodeclarou-se da cor branca, sendo natural do município de Muriaé/MG e, atualmente, moradora da zona urbana da cidade, no

bairro Colety. Esse bairro não faz parte da área central e adjacências definidas no capítulo anterior. Helena mora com a mãe e contribui na renda familiar, que gira em torno de 1,0 a 1,5 salário-mínimo *per capita*. Quando entrevistada, Helena contou que havia iniciado um novo emprego no dia anterior, ela foi contratada para ser recepcionista de uma academia perto de sua casa. Além disso, já havia estagiado durante dois anos em um banco público na cidade de Muriaé/MG.

A mãe de Helena trabalha como almoxarife em um hospital e possui o Ensino Médio completo. Já seu pai é proprietário de uma lanchonete e atua como balconista em seu pequeno comércio. Ele concluiu apenas o Ensino Fundamental, e Helena relatou que ele não gostava muito de estudar, além da necessidade de ter que trabalhar, da falta de incentivo dos pais e da residência na zona rural. Helena destacou que esses fatos provavelmente contribuíram para que o pai não fosse participativo em suas atividades escolares: *“Olha, meu pai é bem longe da escola. A minha mãe que é um pouquinho mais à frente da escola comigo”*. Isso também se observou anteriormente com a figura paterna de Miguel.

O estudo de Romanelli (2017) tece algumas importantes contribuições sobre o papel do pai na escolarização dos filhos. O autor afirma que o “acompanhamento do desempenho escolar dos filhos e os cuidados com eles estão associados à divisão sexual do trabalho e às relações de gênero cabendo às mães a maior parte dessas tarefas” (Romanelli, 2017, p. 327), ou seja, nesse papel, o pai assume para a sociedade uma posição de provedor financeiro, enquanto sua participação na rotina escolar dos filhos e nas atividades domésticas são transferidas para um segundo plano.

Em relação aos avós paternos, ambos nem chegaram a frequentar a escola — Helena destacou que sabiam ler e escrever e eram trabalhadores rurais. Os avós maternos chegaram a concluir o Ensino Fundamental e não prosseguiram com os estudos, a avó era costureira, e o avô pedreiro, ambos estão aposentados atualmente.

Da mesma forma como os demais integrantes do grupo, Helena sempre estudou em escolas da rede pública, concluindo a Educação Infantil e o Ensino Fundamental na esfera municipal e o Ensino Médio na estadual. As escolas que frequentou localizavam-se em três bairros diferentes (Safira, João XXIII e São Francisco), que se posicionavam nas adjacências do bairro onde ela mora. Por conseguinte, foi possível inferir que, provavelmente, esses estabelecimentos escolares foram determinados pelas leis de setorização do estado e do

município. A partir desses dados, das estratégias de escolarização da família, da ocupação e da escolaridade dos pais e avós de Helena, identificou-se que a estudante pertence às frações das camadas populares.

Agora, serão apresentados os alunos que compuseram o grupo 2, subsequente: Alice, Gael e Laura. Alice é a única estudante desse grupo que apresentou um percurso escolar *fluente e contínuo*. Destacou-se também que não houve interstícios entre a transição da Educação Básica dela para o Ensino Profissional e Tecnológico na modalidade técnico concomitante ou subsequente ao Ensino Médio no IF Sudeste MG, *Campus* Muriaé. Entretanto, Gael e Laura precisaram interromper seus estudos durante um período e depois retornaram para a Educação Profissional e Tecnológica. Gael relatou que não foi matriculado na Educação Infantil, ele iniciou os estudos direto no Ensino Fundamental I. Finalizou o Ensino Médio no ano de 2018 e retornou aos estudos em 2020, no curso técnico do IF Sudeste MG, *Campus* Muriaé. A estudante Laura também não apresentou um percurso *linear* (Lelis, 2005), visto que encerrou o Ensino Médio no ano de 1999, fez um curso profissionalizante em 2010 e iniciou a formação técnica na referida instituição em 2020.

Alice, aluna do Curso Técnico em Meio Ambiente, tinha 19 anos quando entrevistada, autodeclarou-se da cor branca e é natural do município de Muriaé/MG. Quando ingressou no curso técnico, morava no bairro São Cristóvão, na zona urbana da cidade de Muriaé/MG, com o namorado. Esse bairro não faz parte da área central e das adjacências da cidade. Todavia, na data da entrevista, Alice havia se mudado recentemente para a cidade de Ervália/MG e morava sozinha, pois havia sido aprovada em um concurso público para o cargo de Agente Comunitário de Saúde. Anteriormente, havia trabalhado como jovem aprendiz e como embaladora em uma indústria de produtos capilares. A renda familiar *per capita* gira em torno de 1,0 a 1,5 salário-mínimo, e Alice relatou que, mesmo não morando mais com os pais, ainda ajuda diretamente nas despesas da família, composta pelo pai, pela mãe e pelo irmão mais velho (24 anos).

A mãe de Alice também é servidora pública, atua na área da Educação como auxiliar de serviços gerais (limpeza) e concluiu o Ensino Médio por meio da certificação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Seu pai trabalhou como autônomo em diferentes profissões, como taxista e pedreiro, porém está aposentado há muito tempo, desde antes de ela nascer. Ele estudou apenas até a quinta série do Ensino Fundamental, Alice justificou: “*o meu pai veio da roça, da zona rural, aí ele precisava trabalhar. Não deu para continuar*”. Em relação aos avós,

Alice disse não ter contato com os paternos, logo não soube apontar nenhuma informação acerca da profissão e escolaridade deles. Isso se replicou no relato sobre o avô materno. A avó materna não concluiu os estudos, mas sabia ler e escrever. O irmão mais velho possuía o Ensino Médio completo.

O percurso escolar de Alice aconteceu da Educação Infantil ao Ensino Médio todo em uma escola da rede estadual, localizada no bairro do Porto, sendo o único estabelecimento escolar mais próximo geograficamente onde era ofertada a Educação Básica completa. Ballion (1986) avalia esse comportamento dos pais como adotantes de critérios práticos, em que não se avaliam outras escolas e se decidem pela proximidade com a residência, a facilidade de locomoção do filho e a opinião de conhecidos que pertencem ao mesmo grupo social. O autor definiu que esses elementos constituem “condutas funcionais” e são adotados por famílias das camadas populares (Ballion, 1986).

Gael, aluno do Curso Técnico em Eletromecânica, tinha 20 anos quando entrevistado, autodeclarou-se da cor parda, é natural do município de Itaperuna/RJ e morador da cidade de Muriaé/MG desde 2005. Atualmente, reside no bairro do Porto, na zona urbana do município. Destaca-se que esse bairro faz parte da área central e das adjacências da cidade, porém o estudante reforçou que sua residência se localizava nestas do que propriamente na parte central. O núcleo familiar de Gael é composto por dois irmãos mais velhos que ele. Quando entrevistado, o aluno informou que sua mãe havia se mudado para o Rio de Janeiro/RJ há dois meses, mas não detalhou os motivos. Além disso, ele tem mais uma irmã que não reside com ele e os outros irmãos. Em relação a sua ocupação, Gael informou que é Técnico de Instalação de Energia Solar fazem três anos e que, antes, trabalhava como ajudante de eletricista. A renda familiar *per capita* gira em torno de 1,5 a 2,5 salários-mínimos, e Gael relatou que contribui diretamente com as despesas de casa junto com os irmãos.

O pai do estudante trabalhava como montador de móveis na cidade e sua mãe como faxineira/diarista. Nenhum deles concluiu o Ensino Fundamental, o pai cursou até a sétima série e a mãe somente até a terceira, ele justificou dizendo que isso ocorreu de “*ambos os lados, o que implicou nisso daí foi a questão do trabalho, pararam de estudar cedo para poder trabalhar*”. Em relação aos irmãos, um concluiu o Ensino Fundamental, desistindo posteriormente do Ensino Médio, e o outro chegou a terminar o Ensino Médio. A irmã ainda está tentando concluir o Ensino Médio, por meio da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Sobre os avós paternos e maternos,

Gael destacou que todos eram trabalhadores rurais: *“mexiam com café naquela região de Ervália/MG e Divino/MG. É a única informação que consigo te passar diretamente”*. Sobre a escolaridade, soube informar apenas da avó materna, que chegou a concluir o Ensino Fundamental e logo teve que interromper os estudos por ter engravidado.

O percurso escolar de Gael ocorreu também todo em escolas públicas da rede estadual, considerando o Ensino Médio e o Fundamental. O entrevistado relatou que não chegou a cursar a Educação Infantil. O Ensino Fundamental, ele fez no mesmo bairro onde morava anteriormente, o de São Pedro⁴. O Ensino Médio, cursou na escola do bairro do Porto, para onde se mudou e onde reside atualmente. Esses estabelecimentos que são escolhidos por ser exatamente no bairro onde a família reside e em locais que existe, no máximo, outra escola que poderia ofertar a mesma modalidade de ensino, caracterizaram estratégias de escolarização de famílias de camadas populares. Segundo Van Zanten (2007), as camadas médias e as superiores atribuem às escolas de bairro um aspecto social, político e escolar de inferioridade, visto que os professores precisam adaptar as disciplinas para que o alunado seja capaz de acompanhar a aprendizagem em um ritmo considerável, além de necessitarem dedicar maior tempo a questões comportamentais dos estudantes. Por conseguinte, esses estratos sociais entendem as escolas de bairro como “uma má escola, do ponto de vista dos objetivos individuais dos pais e, especialmente, das metas instrumentais de sucesso escolar e de inserção profissional” (Van Zanten, 2007, p. 266).

Por último, apresentando uma perspectiva e experiências de vida diferentes até então dos demais entrevistados, Laura, aluna do Curso Técnico em Secretariado, tinha 40 anos quando entrevistada, autodeclarou-se da cor parda e natural do distrito de Boa Família, que pertence à cidade de Muriaé/MG. Atualmente, ela é moradora do bairro Dornelas II, localizado na zona urbana da cidade de Muriaé/MG. Esse bairro não faz parte da área central nem adjacências da cidade. Laura relatou que trabalha em dois empregos: durante o dia atua como doméstica em casa de família e, durante a noite, intercalando dia sim e dia não, como cozinheira em uma empresa que presta serviço de alimentação para o presídio de Muriaé/MG. Divorciada há pouco mais de um ano, seu núcleo familiar é composto por ela e por seus 3 filhos, uma moça de 18 anos e 2 rapazes, um de 15 e outro de 16 anos. A renda familiar *per capita* gira em torno de 0,5 a 1,0

⁴ O bairro São Pedro não faz parte da área central nem das adjacências da cidade de Muriaé/MG.

salário-mínimo e provém de toda a remuneração de Laura, visto que os filhos ainda não trabalham, e o pai não ajuda na renda familiar.

Os pais de Laura ocuparam-se durante muito tempo como trabalhadores rurais e, atualmente, são catadores de material para reciclagem. Ambos estudaram muito pouco e não concluíram o Ensino Fundamental I, Laura disse: *“No caso do meu pai e da minha mãe, tiveram que trabalhar muito cedo. Então, pararam os estudos... Minha mãe sabe ler e escrever normal, e meu pai também, fazer conta e tudo..., mas daí em diante, por ter que trabalhar para ajudar em casa, eles preferiram abster-se dos estudos”*.

Esse cenário gerou consequências no percurso escolar de Laura. A estudante relatou a ausência de seu pai durante toda sua trajetória escolar, assim como aconteceu com Helena e Miguel. Laura narrou:

Meu pai nunca gostou de participar da nossa vida escolar. Então, sempre quem participava era a minha mãe. Por exemplo, se a gente aprontasse na escola, era minha mãe que ia ou, se houvesse reunião, essas coisas ..., mas deixando bem claro que eu não aprontava [risos]. É tanto que, teve um dia, eu cheguei pra ele e falei: “Pai, tenho todos os meus boletins assinados pela minha mãe. Não tem um assinado pelo senhor ou qualquer outro documento meu. O senhor é pai e tem obrigação de participar da vida acadêmica dos filhos!”

Os dados apresentados corroboraram o estudo de Romanelli (2017), que identificou, nas pesquisas brasileiras acerca da temática “família e escolarização dos filhos”, que, quase em sua totalidade, os sujeitos que participaram das entrevistas e das investigações eram as mães, sendo o pai pouco ouvido. O autor conclui que “a representação de que a relação pai/filho é indireta e mediada pela mãe está presente no senso comum e é necessário incluir a distinção entre as posições de marido e pai e de esposa, ou companheira, e mãe” (Romanelli, 2017, p. 329).

Em relação aos avós maternos e paternos, nenhum deles chegou a frequentar a escola. Eles eram trabalhadores rurais, assim como o pai e a mãe de Laura. A entrevistada ressaltou que, mesmo sem frequentar a escola, seus avós conversavam muito bem e não puderam seguir os estudos, porque moravam na roça e tinham uma situação financeira muito difícil, diante da qual o trabalho sempre se sobrepunha à escolarização. Por fim, em relação a seus filhos, que compõem o grupo familiar, os mais novos ainda estão cursando o Ensino Médio, e sua filha mais velha está matriculada no terceiro período de Pedagogia em um curso à distância de uma

Instituição de Ensino Superior privada. Além disso, a filha foi aprovada recentemente no curso de Psicologia de uma instituição particular.

O percurso escolar de Laura também ocorreu completamente em escolas da rede estadual pública. A Educação Infantil e o Ensino Fundamental foram em estabelecimentos localizados no distrito de Muriaé/MG, onde ela morava, e o Ensino Médio já na cidade de Muriaé/MG. Este foi concluído no ano de 1999, e a escola foi escolhida pela proximidade com seu local de trabalho. Laura relatou que já havia tido contato com o ensino profissionalizante no ano de 2010, quando concluiu o curso de “Costureira Industrial”. Todavia, a estudante ressaltou grandes dificuldades para chegar até o final da formação, ao considerar o fato de ser mãe jovem, a necessidade de trabalhar, a falta de uma rede de apoio e o desejo de continuar estudando:

Ah, lembrei, eu fiz curso profissionalizante de “Costureira Industrial” em 2010, cheguei a concluir. Esse era corrido, porque eu tinha que levar meus filhos para a creche de manhã, fazia o curso até 11:00 horas, de 11:00 horas até as 16:00 horas eu trabalhava, saía correndo do trabalho para pegar os meninos na creche. Quando eu fiz o Ensino Médio, eu trabalhava durante o dia e estudava à noite. Sempre foi muito corrido! (Laura, 40 anos).

Essa realidade reforça ainda mais as desigualdades de gêneros que existem no contexto social brasileiro e os percalços encontrados por mães jovens que desejam prosseguir com sua escolarização, seja na Educação Básica, seja no Ensino Profissional e Tecnológico ou no Ensino Superior (Ogido; Schor, 2012; Silva; Agapito, 2021; Urpia, 2009). Nesse sentido, as autoras Ogido e Schor (2012, p. 1053) afirmam:

Essas jovens mães, ao permanecerem na esfera do lar, dedicando-se à família e aos filhos, assumem o papel socialmente atribuído a elas, podendo sentir-se realizadas nessa esfera, mas, ao desejarem, também, buscar realização no estudo e trabalho, encontram barreiras, pelo fato de terem filhos pequenos, na forma de falta de apoio social e, mesmo, a falta de apoio dos familiares, contribuindo para perpetuar a imagem de a mulher ter, como obrigação natural e primordial, dedicar-se apenas ao lar e aos filhos.

Em suma, apesar de todas as dificuldades apresentadas e com os filhos maiores, Laura retomou os estudos no ano de 2020, sendo aprovada no Curso Técnico em Secretariado no IF Sudeste MG, *Campus* Muriaé, o que representou para a estudante uma grande realização pessoal e profissional.

Destarte, a apresentação, as análises e as inferências advindas do estudo acerca do percurso social e escolar dos entrevistados permitiram observar alguns elos entre eles, que tendem a caracterizar disposições que, em geral, são incorporadas por esses agentes e traçam o perfil dos estudantes que escolhem o curso técnico concomitante ou subsequente ao Ensino Médio do IF Sudeste MG, *Campus* Muriaé. A maioria dos estudantes não mora em bairros centrais nem nas adjacências (Arthur, Miguel, Helena, Alice e Laura). Em relação à escolarização dos pais, nos casos de Arthur, Gael e Laura, constatou-se que nenhum deles concluiu o Ensino Fundamental, assim como se viu com o pai de Helena e o de Alice. O único pai que teve um percurso escolar mais longo foi o de Miguel, que chegou a finalizar o Ensino Médio, sendo também a mãe de Miguel, a única entre os entrevistados que acessou o Ensino Superior e a pós-graduação. A principal justificativa para o não prosseguimento dos estudos, principalmente, pela figura paterna foram as dificuldades financeiras e a necessidade de trabalhar (Arthur, Helena, Alice, Gael e Laura). Tal perspectiva piorou no que se refere aos avós, considerando que os maternos e paternos de Arthur e Laura e os paternos de Helena nem chegaram a frequentar a escola. Os que conseguiram ter um percurso escolar mais longo foram os de Helena, que concluíram o Ensino Fundamental, e a avó de Miguel, que concluiu o Ensino Médio. Além disso, quanto aos avós, a maioria justificou que isso decorreu de eles serem moradores da zona rural e da necessidade do trabalho se sobrepôr aos estudos, fato que os impediu de continuar a escolarização. Por último, há a ausência do pai na rotina escolar dos filhos, retratada por Miguel, Helena e Laura.

Diante desses aspectos que marcaram o percurso social e escolar dos entrevistados, a partir de algumas estratégias de escolarização adotadas na escolha do estabelecimento de ensino durante a Educação Básica e da ocupação e da escolaridade dos pais (Quadro 1), foi possível corroborar a teoria bourdieusiana para os dados da presente pesquisa, na qual se destacou que esses elementos disposicionais⁵ que compõem o *habitus* dos agentes se encontraram atrelados a sua origem social. O Quadro 1 apresenta, de forma resumida, os resultados e a origem social das famílias de cada entrevistado.

⁵ Bourdieu (1983) define disposição como o produto de uma ação que estrutura e estabelece predisposições, tendências, propensões e inclinações nos sujeitos de acordo com o meio social. Assim, os agentes incorporam tais influências, em um processo de fora para dentro, que determinam seu pensar, agir, sentir, entre outros elementos (Nogueira, 2004).

Quadro 1 – Origem social das famílias dos entrevistados a partir de uma análise sociológica

Entrevistado	Ocupação do pai	Escolaridade do pai	Ocupação da mãe	Escolaridade da mãe	Posição social da família
Arthur	Vigia	Ensino Fundamental incompleto	Do lar	Ensino Fundamental incompleto	Camadas populares
Miguel	Proprietário de uma loja de roupas e utilidades	Ensino Médio completo	Professora da Educação Básica	Pós-graduação <i>lato sensu</i> completa	Camadas médias
Helena	Balconista em seu pequeno comércio	Ensino Fundamental completo	Almoxarife de hospital	Ensino Médio completo	Camadas populares
Alice	Aposentado	5ª série do Ensino Fundamental completa	Auxiliar de serviços gerais (limpeza)	Ensino Médio completo	Camadas populares
Gael	Montador de móveis	7ª série do Ensino Fundamental completa	Faxineira/diarista	3ª série do Ensino Fundamental completa	Camadas populares
Laura	Catadores de material para reciclagem	Ensino Fundamental I incompleto	Catadores de material para reciclagem	Ensino Fundamental I incompleto	Camadas populares

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados obtidos nas entrevistas semiestruturadas.

Em conclusão, é possível afirmar que os estudantes que fizeram parte do grupo amostral pertencem, em sua maioria, às camadas populares (Arthur, Helena, Alice, Gael e Laura). Apenas um estudante (Miguel) faz parte das camadas médias. Ressalta-se aqui a importância de evidenciar o conceito de “camadas sociais” e, principalmente, “camadas populares” pela educadora brasileira Magda Soares (1986, p. 80-81):

A palavra camada, quando para designar grupos sociais, significa um conjunto particular de indivíduos que não constitui um elemento estrutural independente da sociedade, mas é modelado por circunstâncias sociais e econômicas. Os indivíduos ou grupos individuais que constituem uma camada tendem para uma ou outra das duas classes sociais em oposição (classes

dominantes ou classes dominadas), e, dentro de cada uma, distribuem-se em diferentes classes ou frações de classe. Assim, a expressão camadas populares designa grupos sociais que, pertencentes às classes dominadas, identificam-se por uma característica em comum: a de constituírem um conjunto de grupos polarizados em oposição àqueles que detêm o monopólio do poder e do controle econômico e social.

Em termos bourdieusianos, é possível associar as camadas populares aos grupos sociais com baixos níveis de capital cultural, capital econômico, capital social e capital simbólico acumulado. Logo, a partir desses dados, é possível inferir que os agentes orientarão suas ações e as tomadas de decisões futuras mediante os parâmetros e as condições objetivas possíveis de sua posição social.

Considerações finais

Bourdieu e Champagne (2008) apontam que a “democratização” do ensino secundário em meados do século XX na França ocasionou determinado momento de euforia aos novos estudantes, até então excluídos do sistema escolar. No entanto, as decisões sobre o destino escolar precisariam ser tomadas cada vez mais cedo e os resultados advindos surgiriam tardiamente.

De modo geral, segundo os autores, isso se tornou em uma frustração para esses estudantes, pois os resultados eram ruins, considerando os baixos níveis de capitais acumulados que levariam o alunado e as famílias de camadas populares a decisões, estratégias de escolarização e investimentos errados. Nesse caso, o acesso ao ensino secundário a todos continha a bandeira da “democratização”, ao passo que, inversamente, legitimava as desigualdades sociais e escolares. Por conseguinte, “a escola exclui, como sempre, mas ela exclui agora de forma continuada, a todos os níveis de curso, e mantém no próprio âmago aqueles que ela exclui, simplesmente marginalizando-os nas ramificações mais ou menos desvalorizadas” (Bourdieu; Champagne, 2008, p. 485).

Em uma analogia à “democratização”, tratada anteriormente, a expansão e a interiorização da Educação Profissional e Tecnológica tornaram-se um importante marco no campo educacional brasileiro. Com ele, buscou-se reduzir as desigualdades sociais e escolares e encurtar as distâncias entre estudantes e instituições de ensino público de qualidade, como é o caso do IF Sudeste MG, *Campus* Muriaé.

Cabe destacar aqui a importância da Rede Federal e dos Institutos Federais para o percurso social e escolar de inúmeros jovens e adultos no Brasil. Seu caminho percorrido, assim como o ensino secundário na França, “está longe de ser negligenciável: o sistema escolar não fracassou globalmente quanto à demanda que lhe fora feita de uma elevação dos níveis de formação e de aumento do número de diplomados” (Langouet, 2002).

No entanto, fazem-se necessárias novas pesquisas no campo da Educação Profissional e Tecnológica, amparadas por debates no campo da Sociologia da Educação, principalmente, de estudantes de cursos técnicos concomitantes ou subsequentes ao Ensino Médio. Primeiramente, a fim de investigar detalhadamente algumas lacunas deixadas no presente estudo. Por exemplo, o participante Arthur do grupo 1, concomitante, possui uma irmã que acessou o Ensino Superior em uma instituição pública e federal, ou seja, uma trajetória escolar mais longa que a do irmão, porém ambos engendraram um *habitus* e condições objetivas similares. Assim, é possível perceber que, mesmo Arthur e os demais integrantes da maioria da pesquisa pertencendo a camadas populares, existem clivagens internas nesse estrato social que carecem de investigações mais detalhadas para compreender o porquê de alguns percursos escolares serem mais longos do que outros. Além disso, é preciso compreender as perspectivas de escolarização desse alunado, por exemplo, no Ensino Superior, de modo que se leve em conta suas chances de acesso e permanência e as perspectivas de inserção e de futuro no mundo profissional após a formação de nível técnico.

Na França, Bourdieu e Champagne (2008, p. 482) observam que os percursos sociais e escolares dos estudantes, “mesmo com todas as mudanças que vimos, estrutura de distribuição diferenciada dos proveitos escolares e dos proveitos sociais correlativos, se manteve sem esforço”. Assim, é preciso atenção devida quanto às trajetórias dos alunos dos cursos técnicos concomitantes ou subsequentes ao Ensino Médio para que não se corrobore essa “tendência geral de estabilidade, combinada com o deslocamento da seletividade escolar em direção às transições posteriores, o que vai na direção esperada pela teoria da desigualdade maximamente mantida” (Salata, 2022, p. 4).

Assim, o caminho que será trilhado daqui para frente, visto que os Institutos Federais ainda são instituições “novas” (possuem pouco mais de uma década de existência), dependerá de mais pesquisas científicas no campo da Educação Profissional e Tecnológica e na elaboração de novas políticas públicas que acompanhem, prioritariamente, os egressos da modalidade dos

cursos técnicos concomitantes ou subsequentes ao Ensino Médio e suas chances de acesso ao Ensino Superior e de inserção no mundo do trabalho na área de formação técnica, a qual poderá indicar índices positivos, mas também áreas em que os diplomas estão desvalorizados e/ou inflacionados por sua perda de valor econômico e simbólico (Bourdieu; Champagne, 2008). Por fim, é preciso buscar mecanismos para evitar que os Institutos Federais não se tornem ambientes de eliminação branda de estudantes do sistema educacional brasileiro nem um espaço de reprodução e de legitimação contínua das desigualdades sociais e escolares.

Referências

BALLION, R. *Les consommateurs d'école*. Paris : Ed. Stock, 1982.

BALLION, R. Les familles et le choix du collège. *L'orientation scolaire et professionnelle*, [S. l.], v. 15, n. 3, p. 183-202, 1986.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Tradução: Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. Tradução: Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. São. Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007a.

BOURDIEU, P. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. Tradução: Aparecida Joly Gouveia. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (org.). *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 2007b. p. 39-64.

BOURDIEU, P. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, R. (org.). *Pierre Bourdieu: Sociologia*. Tradução: Paula Montero e Alícia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983. p. 46-81.

BOURDIEU, P. Futuro de classe e causalidade do provável. Tradução: Albert Stuckenbruck. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (org.). *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 2007c. p. 81-126.

BOURDIEU, P.; CHAMPAGNE, P. Os excluídos do interior. In: BOURDIEU, P. (org.). *A miséria do mundo*. 7. Ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 481-486.

COSTA, F. F. Ensino técnico profissionalizante na Região Metropolitana de Salvador – caracterização do alunado sob a perspectiva de gênero. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 19., 2019, Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis: UFSC, 2019. Disponível em: http://www.sbs2019.sbsociologia.com.br/simposio/view?ID_SIMPOSIO=16. Acesso em: 21 ago. 2021.

CUNHA, L. A. *O ensino profissional na irradiação do industrialismo*. 2. ed. São Paulo: Editora

UNESP; Brasília, DF: Flacso, 2005.

HÉRAN, F. École publique, école privée: qui peut choisir? *Économie et Statistique*, [S. l.], v. 293, n. 3, p. 5-39, 1996.

KUENZER, A. Z. *Ensino médio e profissional: as políticas do Estado neoliberal*. São Paulo: Cortez, 1997.

LANGOUET, G. A escola francesa se democratiza, mas a inserção social torna-se cada vez mais difícil. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 20, n. especial, p. 85-106, jul./dez. 2002. DOI: <https://doi.org/10.5007/%25x>

LELIS, I. O significado da experiência escolar para segmentos de camadas médias. *Cadernos de Pesquisa*, Rio de Janeiro, v. 35, n. 125, p. 137-160, maio/ago. 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742005000200008>

LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições*, Campinas, v. 19, n. 2 (56), maio/ago. 2008. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73072008000200003>

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. 2. ed. Rio de Janeiro: EPU, 2018.

MINAYO, M. C. S. (org.) *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MOURA, D. H. Educação básica e Educação Profissional e Tecnológica: dualidade histórica e perspectivas de integração. *Holos*, Natal, ano 23, v. 2. p. 4-30. 2007. DOI: <https://doi.org/10.15628/holos.2007.11>

NOGUEIRA, C. M. M. *Dilemas na análise sociológica de um momento crucial das trajetórias escolares: o processo de escolha do curso superior*. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

NOGUEIRA, M. O. *Pais professores e a escolarização dos filhos*. 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. F. Uma sociologia da produção do mundo cultural e escolar. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (org.). *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 7-15.

NOGUEIRA, M. A.; NOGUEIRA, C. M. M. *Bourdieu & a educação*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

OGIDO, R.; SCHOR, N. A jovem mãe e o mercado de trabalho. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 21, n. 4, p. 1044-1055, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902012000400021>

PACHECO, E. Apresentação. In: PACHECO, E. (org.). *Institutos Federais*. Uma revolução na educação profissional e tecnológica. Fundação Santillana, São Paulo, p. 5-12, 2011.

ROMANELLI, G. O pai e a escolarização dos filhos. *DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação*, Araraquara, v. 19, n.2, p. 321-337, jul./dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.30715/rbpe.v19.n2.2017.10957>

SALATA, A. R. Desigualdade de resultados educacionais em meio à expansão do sistema de ensino: um estudo considerando o caráter posicional da escolaridade. *Civitas: Revista De Ciências Sociais*, Porto Alegre, v. 22, p. 1-19, jan./dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2022.1.43097>

SILVA, A. P. R.; AGAPITO, J. Mães-estudantes: a luta pelo direito à educação. *Monumenta – Revista de Estudos Interdisciplinares*, Joinville, v. 2, n. 4, p. 125-151, jul./dez. 2021.

SOARES, M. B. *Linguagem e escola – uma perspectiva social*. São Paulo: Ática, 1986.

SOUZA, J. Senso comum e justificação da desigualdade. In: SOUZA, J. *Ralé brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. 41-48.

URPIA, A. M. O. *Tornar-se mãe no contexto acadêmico: narrativas de um self participante*. 2009. 185f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

VAN ZANTEN, A. A escolha dos outros: julgamentos, estratégias e segregações escolares. Tradução de Maria Amália de Almeida Cunha. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v.26, n. 3, p. 409-434, dez. 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-46982010000300021>

VAN ZANTEN, A. Reflexividad y elección de la escuela por los padres de la clase media em Francia. *Revista de Antropología Social*, Madrid, v. 16, p. 245-278. 2007. DOI: http://dx.doi.org/10.5209/rev_RASO.2007.v16.10011

Submissão: 25.07.2023.

Aprovação: 15.03.2024.